

Fraga faz balanço positivo da viagem

Maria Luiza Abbott

Para o Valor, de Amsterdã

O Brasil resistiria a uma nova retração da economia mundial? Esta é uma das principais preocupações dos investidores estrangeiros em relação à economia brasileira. Junto com eleições, foi tema dominante das perguntas que fizeram ao presidente do Banco Central, Armínio Fraga, em seminário ontem na sede do banco ABN Amro, em Amsterdã, na Holanda. Armínio reconheceu a possibilidade de um impacto, mas disse que o país pode suportar as consequências.

Para justificar sua confiança, Fraga traçou um cenário: disse que o potencial de crescimento do Brasil é de 4% a 4,5% ao ano, e se a economia mundial ficasse em ritmo lento por um ano e a expansão no país caísse em dois pontos percentuais, ainda assim a dívida aumentaria apenas 0,5% do PIB, segundo ele. Caso essa situação persistisse por dois ou três anos, argumentou, talvez houvesse necessidade de elevar o superávit primário. "Não estou dizendo que vai ser fácil se o mundo não estiver bem. Mas em caso de um problema externo, chegariam a uma coesão interna. Já fizemos isso antes", disse.

A insistência dos investidores com cenários negativos não deixou dúvidas de que ainda é grande o pessimismo em relação ao país e à sustentabilidade da dívida pública. Fraga insistiu que a dívida é administrável. Lembrou que o empréstimo do Fundo Monetário Internacional (FMI) é um colchão para que o país atravesses as turbulências de maneira menos complicada.

Para os investidores, no entanto, o risco-país está alto, mesmo após a aprovação do empréstimo do FMI, o

que mostra a desconfiança em relação ao Brasil. Segundo um deles, taxas de risco de mais de 2.000 pontos já seriam níveis de moratória. O presidente do BC lembrou que tinha passado parte de sua vida profissional fazendo avaliação de mercados emergentes e "nunca tinha visto um país com boa política econômica, como é o Brasil, chegar a uma reestruturação da dívida". Segundo ele, o país só tem um caminho para recuperar a confiança, que é persistir em políticas corretas.

A possibilidade de vitória do candidato do PT, Luiz Inácio Lula da Silva, também preocupa os investidores, que temem um relaxamento da política fiscal. Uma das perguntas foi sobre como Lula poderá conciliar suas promessas de gastar mais na área social e manter a meta de superávit primário. Fraga argumentou que o atual governo já tinha aumentado esse tipo de gasto, sem comprometer a política fiscal.

Disse que não queria se fixar em um único candidato e lembrou que todos tinham assumido o compromisso com a manutenção do superávit primário, acertado no programa com o FMI, e com políticas saudáveis. "Os mercados estão pessimistas em geral, independente de quem assuma. Mas assim que virem que o que foi dito começa a ser cumprido, haverá uma melhora nesse sentimento", previu.

O presidente do BC tratou de expor as diferenças do Brasil em relação a outros países da América do Sul. Disse que o aumento das saídas de recursos não é fuga de capital, mas empresas pagando suas dívidas no exterior, ou adotando reestruturações. Lembrou que, segundo estimativas do mercado doméstico, o Brasil deve crescer cerca de 1,3% este

ano, enquanto outros países da região teriam queda de até 15% no PIB.

Em entrevista, na sede do ABN, Fraga destacou que o saldo da balança comercial brasileira estava aumentando. Ele se recusou a fazer projeções, mas disse que a tendência atual deve se manter. Para isso, segundo ele, contribui a taxa de câmbio, a expectativa de que a economia mundial e brasileira devem se recuperar e, com isso, aumentam os volumes e os preços das exportações brasileiras. Também assegurou que "as linhas de crédito ao país, que vinham declinando há mais de um ano, se estabilizaram nas duas últimas semanas".

O presidente do BC observou que ainda é cedo para saber exatamente quando os financiamentos voltariam aos níveis anteriores. "Não posso dar nomes, mas alguns bancos me disseram que estão estabilizando as linhas, outros que vão aumentar com o tempo e alguns que estão observando a situação", relatou.

Indagado se permaneceria no cargo, Fraga respondeu que tinha aceitado o único convite que receberia para ficar, que foi de José Serra. Acrescentou que aceitaria permanecer se convidado por qualquer outro candidato que assumisse o compromisso com responsabilidade fiscal, monetária e respeito à lei.

Depois da entrevista, ele ainda se encontrou com a direção do banco central holandês e empresários, encerrando a série de encontros com investidores europeus e autoridades monetárias, que começou no fim de semana na Suíça, passou pela Alemanha e chegou ontem à Holanda. O balanço, segundo ele, é positivo. Ressalvando que o seu relato pode ser tendencioso, disse que a sua impressão é que a reação foi favorável.